

A TÚNICA INCONSÚTIL

VÍTOR QUEIROZ¹

UFRGS, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0003-1735-4203>

RESENHA

ALMEIDA, Mauro. **Caipora e outros conflitos ontológicos**. São Paulo: Ubu, 2021.

“Caipora e outros conflitos ontológicos”, livro recentemente lançado pela editora Ubu, além de se destacar por uma dialética impecável, é uma verdadeira aula de antropologia que prima pela integração e pelo equilíbrio de uma série de elementos aparentemente contraditórios. Em outras palavras, é um livro de boa tradição marxista, mas de um marxismo felizmente reencantado pelos sonhos metamórficos, pelo caráter instável, perigoso, cuidadoso, mas consistente das alianças, enfim, pelas *rêveries* estonteantes e tecnicamente primorosas de inspiração lévi-strausseana.

Podemos nos perguntar, de saída, quem é esse antropólogo tão sincero consigo mesmo e com seus leitores, que nos obriga a seguir seus argumentos passo a passo, sem esconder nenhum truque e, ao mesmo tempo, nos deixa boquiabertos com suas análises meio mágicas de tão pertinentes e elucidativas. Nascido no Acre, de onde saiu para formar-se em São Paulo e em Cambridge e para onde retornou a fim de estudar os

¹ Doutor em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Professor adjunto do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: queiroz.vitor@gmail.com

povos da floresta e ajudá-los a organizarem-se politicamente, Mauro Almeida ensinou durante décadas na Universidade Estadual de Campinas, passando também pela Universidade de Chicago. Podemos avaliar a qualidade das suas aulas pelos textos dos capítulos 2, “Narrativas agrárias e a morte do campesinato”, e 7, “Simetria e entropia”, que foram pensados originalmente como ementas de curso. Mauro também é casado com Manuela Carneiro da Cunha, uma das antropólogas brasileiras mais conhecidas e politicamente atuantes.

A obra de Mauro Almeida mostra que marxismo e estruturalismo, militância e elaboração teórica de ponta são plenamente compatíveis. Mais do que isso, todas essas jibóias politizadas, onças lógicas e tamanduás encantados precisam conviver nas curvas sinuosas de um mesmo rio. Dizendo de outra maneira, se lembrando-nos que Claude Lévi-Strauss foi leitor assíduo de Karl Marx temos de constatar, simplesmente, que o autor do “Caipora” recupera um diálogo fundamental, que nunca deveria ter saído do nosso horizonte de possibilidades. Curiosamente, desde meados do século passado tal conciliação converter-se-ia numa espécie de comédia de raros acertos. Lembremos que, antes de Mauro, intelectuais do porte de Lucien Sebag, Claude Meillassoux e Philippe Descola nem sempre tiveram sucesso nesta empreitada.

Dito isto, talvez seja mais prudente deslocarmo-nos transversalmente e seguir por outro atalho porque, paradoxalmente, já chegamos onde que queríamos com essa resenha. Sim, Mauro colhe os melhores frutos desse terreno duplamente pedregoso e isso se deve, certamente, ao nível elevado de auto-exigência do autor, aliado ao seu rigor metodológico e suas detalhadas observações etnográficas. Contudo, este mesmo esmero poderia ter-nos custado caro. Consideremos alguns casos análogos.

* * *

Johannes Brahms, um dos compositores mais celebrados na Europa do século XIX, além de ter jogado fora todas as partituras julgadas inferiores por ele próprio, também destruiu seus rascunhos junto com sua obra de juventude. A tentativa ou o pedido expresso de queimar manuscritos originais têm de Virgílio à Kafka uma longa tradição no Velho Mundo. Do outro lado do Atlântico, o músico popular brasileiro Dorival Caymmi produziu apenas uma ou duas canções por ano, mantendo a excelência com paciência de ourives ao longo de uma carreira de muitas décadas. A lista de criadores perfeccionistas que só conhecemos graças à insistência de amigos, editores ou inimigos poderia se estender ao infinito.

No caso em tela, é estranho pensar que, com exceção de publicações feitas em parceria – como a premiada Enciclopédia da Floresta, organizada com Manuela Carneiro da Cunha em 2002 – este é o primeiro livro de Mauro Almeida. Por outro lado, a impressão que temos ao passarmos por seus 11 capítulos é de que lemos um clássico recém-lançado da literatura antropológica. Publicados originalmente entre 1988 e 2021, como artigos em revistas especializadas, textos educativos e

contribuições importantes a debates político-acadêmicos nacionais, eles não são simplesmente bem feitos. “Caipora e outros conflitos ontológicos”, digamos logo e sem disfarce, é uma das obras mais consistentes e teoricamente relevantes da antropologia produzida nos últimos anos. Portanto, este é um livro simultaneamente imprevisto, espantoso e esperado há tempos.

“Caipora e outros conflitos ontológicos” combina pesquisa empírica com reflexões morais, bom humor e trabalho conceitual de peso, categorias sensíveis e inteligíveis, técnicas venatórias localizadas e abstrações criativas sobre aquilo que existe ou deixa de existir. A bibliografia do volume reúne uma quantidade impressionante de autores muito diversos, de Gottlob Frege e David Hume a Lucien Scubla e Bruno Latour. Tudo isso é inusitado? Deveríamos mesmo nos surpreender ao encontrar lado dos cientistas sociais, estudiosos daquelas outras ciências humanas, na concepção lapidar de Giambattista Vico, que costumamos chamar erroneamente de exatas, duras, puras ou da natureza?

Para mitigar um pouco da sensação de singularidade espantosa e heterogênea que às vezes sentimos durante a leitura de Mauro Almeida, podemos percorrer taticamente, com o espírito de nossos dedos e nossos olhos internos, um pequeno trecho dessa fita de Möbius que é o “Caipora”. Partiremos, com esse intuito, de uma dessas encruzilhadas entre antropologia e pensamento filosófico-matemático para em seguida abordar o conceito principal do livro, o anarquismo ontológico.

* * *

Percepções empíricas e fenômenos concretos não podem ser acessados independentemente de categorias e pressupostos intelectuais. Até este ponto, o autor apenas revisita um tema clássico da filosofia ocidental que remonta a Kant e, antes dele, a Espinosa e Tomás de Aquino. Porém, o reverso deste raciocínio também é verdadeiro. Coexistimos com alteridades radicais, isto é, com entes infinitos, infinitesimais ou, simplesmente, com tudo aquilo “que está além de qualquer experiência possível”, pelo menos para seres finitos e situados como nós (Almeida, p.181). Negar de modo apriorístico a existência destes seres invisíveis ou fenômenos complexos, que vão da produção transnacional do valor no sistema capitalista ao sistema de trocas regulado pela Caipora – uma divindade florestal que cura os animais e regula a caça em toda a Amazônia – seria um contrassenso. Para captá-los, porém, temos necessariamente que agir por aproximação, tentando ajustar indícios e sensações com modelos não empíricos, organizados em grupos, estruturas ou padrões de recorrência.

A semelhança desse programa de pesquisa com o pensamento de Lévi-Strauss é evidente e fecunda. As reflexões de Mauro Almeida partem de um trabalho etnográfico prolongado junto aos seringueiros do Acre, conjugado com a leitura atenta do etnólogo francês. Ao longo do “Caipora” os modelos precisos, as flores anti-totêmicas lévi-strausseanas são replantadas, colhidas e arranjadas com muito cuidado e criatividade. Em todo o livro transparece, portanto, o elogio axiomático da diferença e

um relativismo estrutural devidamente irreduzível. Em outras palavras, Mauro contraria o relativismo padrão da antropologia e sua defesa um tanto hipócrita de que todas as culturas existentes possuem noções válidas, mas também ilusórias – tudo o que os outros pensam não passa de projeção ou construção social – sobre o mundo, com exceção de nossas próprias ideias tais como indivíduo e sociedade, ideologia, capital simbólico e biopoder, milagrosamente universais e clarividentes.

Daqui para o anarquismo ontológico a distância é mínima. Mauro argumenta, de forma inovadora e, no entanto, intimamente ligada a esta abertura radical para o outro, que certamente existem ou pelo menos podem existir múltiplos mundos “onde não há hierarquia nem escolha entre pedras, animais e humanos, nem há separação possível entre esferas técnico-produtivas e esferas simbólico-comunicativas” (Almeida, p.141). Junte-se a isto à atenção pragmática do autor aos instrumentos, aparatos conceituais e técnicas de mediação que possibilitam, por meio de encontros pragmáticos, o acesso a toda e qualquer realidade e temos uma validação rigorosa, mas nada paternalista, dos saberes de humanidades diversas, muito distantes no tempo e no espaço. A matemática das donas de casa e dos indígenas da várzea amazônica, expressa em conjuntos de varetas, no revezamento recíproco de alimentos e festas ou em listas de compras, pode, dessa maneira, encontrar-se tranqüilamente com a física einsteiniana e a lógica contemporânea.

* * *

Para concluir, temos que nos voltar para a ênfase abertamente militante que percorre o livro de Mauro Almeida como um todo. Nosso autor sabe reunir a seriedade do ativismo intelectual e a coerência política no ateliê dos cientistas experimentais audaciosos, afeitos à poesia, que operam na chave da imaginação, da lógica do sensível e da observação admirada da realidade. Mauro, afinal, tem a coragem de inovar, criticar seus mestres e reabrir inúmeras questões. Sua argumentação rejeita, para ficar num único exemplo, o catastrofismo sombrio tanto de Lévi-Strauss quanto da bibliografia recente sobre o antropoceno sem deixar de criticar as mazelas das assimetrias de poder e da expansão criminosa do capitalismo. Porém, há muito método aqui. Num dos primeiros capítulos do livro, aliás, nosso antropólogo já advertia que as grandes narrativas e a velha história especulativa dos primeiros cientistas sociais não podem dar lugar a arbitrariedades ou ficções nominalistas (Almeida, p. 47 *et seq.*).

Em outras palavras, não dá para enfrentar a fauna gigante do progresso evolucionista, do primitivismo, com seu paternalismo epistêmico, e da lógica obtusa, mecanicista, baseada em causalidades simples ou no monorealismo que ainda ronda nossa imaginação antropológica com um zoológico de brinquedo. Quando a Amazônia arde, nos últimos anos, inclusive, com o vergonhoso aval do governo brasileiro, confiar apenas em congressos acadêmicos, discussões intermináveis e modismos conceituais não é suficiente. Paradoxalmente, precisamos de

muito cultivo teórico, amplos debates técnicos interdisciplinares e um fomento condizente à produção científica para nos colocarmos à altura tanto dos desafios presentes quanto do requintado pensamento dos povos da floresta.

Seguindo nosso autor, que consegue abrir, com sua maestria e seu perfeccionismo, múltiplas trilhas na direção de todos os caminhos indicados acima, devemos um agradecimento especial à Ubu, casa editorial brasileira que disponibiliza diversos livros de antropologia em seu catálogo, e sua diretora “Florença Ferrari pela insistência em levar adiante este projeto” (Almeida, p. 15). Espero que da caverna de Ali Babá que é a antropologia feita por Mauro Almeida – e que se comunica por galerias misteriosas com a mata fechada de totens e máscaras indígenas que encantou o jovem Lévi-Strauss, mas também com a luta dos ambientalistas acreanos de hoje – saiam muitos outros tesouros.

Recebido em: 30/08/2022 * Aprovado em: 01/09/2022 * Publicado em: 30/12/2022
